



Teleconferência de Resultado – 1T17
12 de maio de 2017

OPERADORA – Bom dia a todos. Obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 1T2017. Informamos que esse evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da empresa. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando mais instruções são fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência, queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando *0. Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela Internet via webcast, podendo ser acessada no endereço www.bb.com.br/ri, onde se encontra disponível a respectiva apresentação. A seleção dos slides será controlada pelos senhores. Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias, coligadas e controladas. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação. Conosco, hoje, estão os senhores Alberto Monteiro de Queiroz Netto, Vice-Presidente de Gestão Financeira e de Relações com Investidores; e Bernardo Rothe, Gerente Geral de Relações com Investidores do Banco do Brasil.

Por favor, sr. Bernardo, queira prosseguir.

BERNARDO ROTHE – Bom dia a todos e obrigado por participar da nossa conferência. Eu gostaria de começar no slide 4, onde a gente traz os destaques do resultado do Banco do Brasil, na comparação do 1T17 com o 1T16. A renda de tarifas cresceu 12,3% nesse período, a margem financeira bruta teve um desempenho positivo de 0,8%, despesas administrativas tiveram uma pequena queda de 0,4%, continuando sob estrito controle, e o índice de eficiência melhorou para 39,3%.

Mudando para o slide 5, nós temos o lucro, tanto na visão ajustada como lucro líquido. O lucro ajustado cresceu 95,6%, para R\$ 2.515,0 milhões, e o lucro líquido contábil cresceu



3,6%, pra R\$ 2,4 bilhões. Nos indicadores de rentabilidade, o retorno sobre o patrimônio líquido na forma calculada pelo mercado ficou em 12,4%.

No slide 6, a gente mostra a evolução do lucro, onde a margem é de R\$ 14,5 bilhões, impactado pelo PCLD de 6,7, concentrado na renda de tarifas em 6,1. Tivemos, aí, despesas administrativas de 7,8; outros, que englobam, inclusive, impostos, nos levam a um lucro ajustado de R\$ 2,5 bilhões. Os itens extraordinários é 0,1, e o lucro contábil é de 2,4.

No slide 7, os indicadores de mercado, nós trazemos o lucro por ação na visão dos últimos 12 meses, que atingiu 2,57. O preço/lucro em 12 meses, 11,59, olhando pra trás. Dividend Yield de 2,57 e preço/valor patrimonial de 1,05.

As captações comerciais chegaram em R\$ 584,0 bilhões, uma queda, em relação a março de 2016, de 8,5%, bastante em linha com a queda, também, da carteira comercial. O custo de captação como percentual da SELIC ficou em 64,0% e a carteira de crédito líquida ajustada em relação às captações comerciais está em 87,2, demonstrando que a nossa liquidez até aumentou no período.

A carteira de crédito ampliada teve um decréscimo de 11,4% e uma mudança importante no mix dessa carteira, onde a carteira PJ reduziu a sua participação no total do nosso portfólio de quase 45,0% para 41,0%, com crescimento na PF, que subiu para 26,9%, e no agro, que subiu para 26,1%.

No slide 10, trazemos a carteira PF, as linhas selecionadas de menor risco. No crédito imobiliário teve um crescimento, no geral, de 6,6%, sendo que o imobiliário PF cresceu 10,9%. O índice de inadimplência dessa linha ficou em 2,09% em março de 2017. O consignado ficou estável. Tivemos uma perda de market share mas ainda temos uma participação expressiva de 21,5% e a inadimplência ficou em 1,45%. O CDC salário teve um crescimento de 2,9% e a inadimplência em 3,05%. E a carteira de veículos continua se reduzindo, com -26,0%, e o índice de inadimplência de 1,2%.

A carteira de pessoa jurídica, por sua vez, no slide 11, teve uma redução de quase 20,0%, atingindo R\$ 280,0 bilhões. A redução se concentrou na carteira de micro e pequenas empresas, uma redução de 28,5% sobre março/2016, enquanto as médias e grandes, e governo, a carteira caiu 16,5%.



No slide 12, trazemos o desempenho do agronegócio. O crédito rural teve um crescimento de 5,7%. O agroindustrial, em linha com o desempenho da carteira de PJ, caiu em 21,6%. Continuamos utilizando os mitigadores de risco no custeio agrícola, com 63,6% dessa carteira com algum tipo de seguro.

Mudando para o slide 13, começamos a mostrar a qualidade da carteira e o índice de inadimplência do Banco do Brasil. O indicador atingiu 3,47% ao final de março, ajustado para um caso específico que nós tivemos no setor de telecom. O impacto da queda na carteira também pode ser visto. Com o portfólio estável nosso índice seria de 3,39%.

No slide 14, temos a inadimplência da carteira por segmento. Aqui, como pode ser visto, a carteira PJ seria 6,83%; sem o caso específico que foi mencionado, esse índice de inadimplência seria 5,70%, inferior ao índice apresentado em dezembro de 2016, de 5,83%. O 5,47% que a gente demonstra aqui é o ajuste também que, se tivesse mantido a carteira de PJ, quanto seria o índice de inadimplência. A carteira PF, a gente acabou com 3,09% e no agro em 1,28%.

O saldo de provisão e coberturas, a gente teve R\$ 36.414,0 milhões de saldo de provisão. A complementar ficou em R\$ 1.686,0 milhão, um acréscimo de R\$ 151,0 milhões em relação a dezembro/2016. A provisão requerida ficou em R\$ 34.728,0 milhões pelo critério da 2.682.

A cobertura por segmentos, olhando para carteira externa, está em 153,09%, a carteira PF 183,87%, o agro em 181,66% e a PJ sem o impacto do caso específico em 153,53%, um pouco acima do que a gente apresentou no 4T.

O risco médio e a carteira por nível de risco está, no Banco do Brasil, em 5,70%, ainda inferior ao apresentado pelo sistema financeiro nacional. E 90,4% das nossas operações estão concentradas no risco AA-C.

No slide 18, cabe abrir os fluxos da provisão em relação à carteira na visão trimestral. Então, o índice de provisionamento total ficou em 1,05%, um pouco inferior ao 1,18% apresentado no 4T, e o total foi de R\$ 6.713,0 milhões. Isso é fruto, tem o efeito, da recuperação de crédito, sendo que o agro foi R\$ 606,0 milhões, a pessoa jurídica R\$ 4.370,0 milhões e a PF R\$ 1.677,0 milhões.



No slide 19, mostramos a formação de inadimplência. Houve um pequeno aumento na formação da inadimplência no período, de 1,04% para 1,08%, se a gente desconsiderar o caso específico. E a cobertura, também sem considerar o caso específico, em 94,93%, da formação de inadimplência no período. Incluindo a parte da carteira renegociada, que foi renegociada após 90 dias de vencimento, que corresponde a 14,8% do total da carteira, essa formação seria de 1,19%, um pouco acima do apresentado no 4T e a cobertura ficaria em 86,43, os dois sem considerar o caso específico.

No slide 20, temos a formação da inadimplência por segmento. A cobertura na PF ficou em 90,0%, aproximadamente, e o indicador aumentou para 1,0%. No agronegócio, a cobertura ficou em 59,35% e esse indicador ficou em 0,57%, semelhante ao que a gente teve no 1T, dado os impactos de algumas questões climáticas que tivemos tanto no 1T do ano passado como no 1T desse ano. Na PJ, o indicador ficou em 2,57%, mas ajustado pelo caso específico a gente teria visto uma redução para 1,50%; e a cobertura em 117,12%, sem considerar o caso específico.

No slide 21, nós temos os créditos renegociados por atraso. O destaque que gostaríamos de fazer é o recebimento e apropriação de juros, aqui é juros líquidos, pagamentos de juros mais os juros capitalizados, não corresponde ao valor recebido em caixa: houve um aumento de quase 93% na comparação com o 1T, mostrando que viemos recebendo cada vez mais dentro dessa carteira. O saldo final teve uma pequena redução pra R\$ 26.618,0 milhões. A inadimplência ficou relativamente estável, aumentando só 0,8 no indicador de 90 dias. O índice de cobertura ficou em 166,2%. Só para complementar a informação, o total recebido em caixa no 1T foi de R\$ 1,4 bilhões. E, como havia mencionado, o atraso acima de 90 dias corresponde a 14,8% do que foi contratado e a parte dos empréstimos jogados para perdas corresponderam a 9,5 do total realizado. A grande concentração, aqui, são em operações que estavam em atraso entre 0 e 14 dias, quase metade do que foi realizado no período. E a formação da inadimplência nessa carteira melhorou, caiu para 1,97, o new NPL, com índice de 7,28%, o melhor da série que a gente mostra nesse slide.

Mudando para margem, no slide 22. Nossa margem financeira sem recuperação atingiu R\$ 13,5 bilhões, com 1,8% de crescimento em relação ao 1T16, que fica dentro do guidance que a gente disponibilizou no trimestre passado.

No slide 23, nós trazemos o spread por segmento. É bom alertar que as operações pré-fixadas a gente fixa o spread gerencial na data da contratação, então esse spread, que a



gente demonstra aqui, boa parte dele não é impactado pela redução da SELIC, que aumentaria o spread estrutural do Banco do Brasil. Então, aqui, o impacto de queda de Selic viria só na carteira PJ por conta da sua maior exposição em grandes empresas, que têm seus preços vinculados à variação do CDI. Então, a PF ficou em 16,11%, o total em 7,67%, o agro 4,83%, nosso spread global ficou em 4,82% e o spread nível sem risco em 2,56%.

Renda de tarifas, no slide 24. R\$ 6.117,0 milhões, com crescimento em conta corrente de 11,3%, administração de fundos 29,3%, operações de crédito e garantias de 14,5% - é o primeiro crescimento que a gente vê nessa linha em um bom tempo - e cartão de crédito crescendo 13,5% na comparação com o ano passado.

Mudando para o slide 25, nós trazemos as despesas administrativas e eficiência e alguns detalhes sobre a nossa rede física. A eficiência, como eu havia mencionado, ficou em 39,3%, reduzindo de 40,9% que a gente tinha no 1T16. O total de despesas caiu 0,4%, com destaque para as despesas de pessoal que encerrou inferior ao volume apresentado no 1T16, em R\$ 4.677,0 milhões. Tivemos uma redução de quase 10 mil pessoas no número de funcionários entre março/16 e março/17, uma redução também de agências e um incremento nos postos de atendimento bancários, em linha com o que foi anunciado na reorganização institucional do Banco do Brasil. Apenas para informação, o impacto da reorganização em termos de aumento de despesas, que poderiam ser consideradas não recorrentes no 1T, não é nada expressivo, R\$ 67,0 milhões, mas se tirássemos isso do número recorrente, a queda teria sido de 1,4%.

Mudando para o slide 26, o índice de Basileia encerrou o trimestre com 18,15% e obtivemos uma queda em relação a dezembro/16 por conta do faseamento da Basileia III, com mais 20,0% de redução ocorrendo no 1º de janeiro deste ano. O índice de capital principal acabou em 9,2% por conta desse impacto também.

No slide 27, a gente traz a aplicação integral das regras de Basileia III. No então chamado fully loaded, após a aplicação integral, a gente sai de 18,15% no índice total para 18,16%, por conta do consumo de crédito tributário que a gente considera nesse processo também. O índice de capital principal sairia de 9,20% para 9,21%, ou seja, uma estabilidade. A mesma coisa no capital nível 1, sairia de 12,41% para 12,42%.

No slide 28, nós trazemos o guidance de 2017 que foi realizado. O próprio lucro líquido ajustado, realizamos R\$ 2,5 bilhões, a margem financeira bruta ficou em 0,8% dentro do



guidance, a carteira de crédito ampliada e seus componentes não atingiram o guidance, então -9,2% por carteira total, PF com 1,6%, inferior ao guidance de 4 a 7, PJ -19,6%, bastante distante do -4%, que é o piso do guidance, e o crédito rural em 5,7%, bem próximo do guidance que é de 6 a 9. Despesas de PCLD líquida de recuperação de operações de perdas ficou -5,8, renda de tarifas 12,3%, acima do guidance, e despesas administrativas em -0,4%, inferior ao piso do guidance de 1,5%.

Com isso, nós podemos abrir pra perguntas e respostas. Obrigado.

OPERADORA – Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem *1. Solicitamos aos participantes que façam apenas um questionamento em cada rodada de pergunta.

Nossa primeira pergunta vem do Sr. Jorg Friedemann, do Citibank.

FRIEDEMANN – Obrigado pela oportunidade. Eu gostaria de entender um pouquinho mais o guidance de NII de vocês. A gente vê que vocês estão dentro do guidance mas eu gostaria que vocês se possível descrevessem um pouco mais alguns dos impactos que vocês tiveram ao longo do trimestre. Eu entendo que vocês começaram a baixar taxa de juros no cartão de crédito a partir de fevereiro e ao mesmo tempo eu notei também que as receitas de equalizações caíram cerca de R\$ 250-300,0 milhões em relação ao 1T2016, em relação ao tri passado também, embora os recursos equalizáveis eles tenham subido em relação a ambos os períodos. Então, se vocês pudessem discutir como que essas duas linhas tendem a evoluir adiante e como vocês se sentem em relação ao guidance de receitas financeiras, se dá para pensar em algo no ponto médio do guidance ou se vocês estão um pouco mais preocupados. Muito obrigado.

BERNARDO ROTHE – Obrigado, Jorg, pela pergunta. Pra ajudar a responder, se vocês não se importarem, no slide 30 a gente fez um exercício mostrando alguns impactos temporários sobre o NII que aconteceram nesse trimestre quando a gente compara o desempenho da margem financeira bruta com a margem financeira bruta do 4T. Parte desses impactos, por serem sazonais e temporários, eles não são boa comparação com o 1T. Mas olhando nesse slide 30, você pode ver que nós tivemos algumas coisas que estão relacionadas a um evento bastante específico desse trimestre que é ter menos dias corridos e mais dias úteis na comparação com o trimestre anterior. Isso impacta a margem dos bancos em geral porque parte dos nossos ativos crescem em dias corridos e a nossa



captação em geral são dias úteis, então, o impacto na intermediação financeira nesse trimestre foi de R\$ 480,0 milhões. O impacto na tesouraria, principalmente nas compromissadas, R\$ 72,0 milhões. Como estamos tratando aqui da margem financeira bruta incluindo recuperação de crédito, só para mostrar também tem o efeito sazonal da recuperação menor nesse trimestre em relação ao trimestre anterior, mas só para mostrar o impacto porque a recuperação que veio nesse trimestre foi a melhor dos últimos 1T de todos os anos. Mas os trimestrais normalmente são mais fortes só para tirar esse efeito, como teria sido o comportamento dessa margem. Tirando esse efeito, a gente teria um crescimento, na verdade de 0,64 em vez de uma queda de quase 6.0%. O rotativo do cartão, que já teve uma redução de taxa e isso é regulatório, teve impacto de R\$ 150,0 milhões, então a margem sem todos esses impactos só para ter uma comparação melhor com o 4T teria sido de R\$ 15.582,0 milhões. O mesmo exercício olhando o spread global, a gente tem também um efeito líquido que tem que ser considerado no spread global que a gente aumentou as aplicações de liquidez em R\$ 5,0 bilhões em saldo médio enquanto carteira de crédito caiu R\$ 16,0 bilhões, em saldo médio. Essa mudança de mix de crédito para liquidez gera um impacto no spread global de 0,08, ou seja 1/3 da redução que a gente viu no trimestre. E também devolvendo esses efeitos temporários e sazonais a gente chegaria a uma taxa de 5,23. Ou seja, na verdade a gente poderia ter apresentado até um aumento de spread global no trimestre sem os efeitos temporários e sazonais. Parte disso tende a voltar a ser compensado, por exemplo, a parte da tesouraria já está compensada em abril, já retornou em abril. Ao longo do ano, a nossa expectativa é ficar dentro do guidance. Qual é o principal item para acompanhamento para atingimento do guidance de margem financeira bruta? É o saldo médio da carteira de crédito. Se a gente não tiver um desempenho no saldo médio da carteira de crédito de acordo com o que a gente espera, a margem tende a ficar no piso do guidance.

FRIEDEMANN - Perfeito. Agora, se pudesse, eu entendo perfeitamente o problema de demanda de crédito, agora só um follow up sobre esses pontos de receita financeira que talvez não tenham sido abordados. Sobre as receitas de equalização. Eu entendo que as premissas determinantes para o reembolso de equalização já tenham sido definidas lá em meados do ano passado. Então, juros menores talvez ainda não tenham impacto nessa linha. Esse entendimento está correto? E se sim, qual o motivo da queda de equalização nesse trimestre e qual a previsão dessa linha para o próximo trimestre?



ROTHE – A equalização tende a subir agora com a medida que a gente tem mais desembolso indo para frente. Essa composição da equalização tem que ver também que não é tão simples de calcular - desculpe, eu não vou te ajudar muito nisso -, porque depende do quanto o saldo eu tenho equalizado hoje está dentro da safra 16-17, quanto está para 15-16, quanto tempo a safra anterior. Então a gente teve safras anteriores que tinham equalização maior à medida que essas operações saem, principalmente de investimento, você pode ter uma alteração do mix do saldo equalizável passível de vencimentos e equalização, quanto que tem de equalização para cada caso. Então, safras anteriores a 15-16 elas tinham equalização maior por que tinham juros menor para o produtor. À medida que isso é pago, entra mais da safra atual, existe uma variação de saldo. Projeção para esse item a gente não tem dado. Mas a perspectiva é que como a gente tem lá mais desembolso para acontecer principalmente a expectativa de mais desembolso no pré-custeio no 2T, a gente tem um volume grande de operações no pipeline para desembolsar, perto de R\$ 6,5 bilhões, o valor pela cartela de portfólio equalizável como eu tenho menos equalização nesses novos desembolsos que a taxa de juros está maior para o produtor agora que no passado, a proporção tende a cair um pouco. Mas é natural que a gente veja uma recuperação da equalização ao longo do ano.

FRIEDEMANN – Perfeito, Bernardo. Obrigado. E desculpa abusar, mas só para fechar essa questão toda de NII: o impacto SELIC você comentou bem durante a apresentação, mas a gente viu que aumentou um pouco o disponível para venda. Tem alguma coisa de impacto na SELIC também que não está fluindo diretamente para o P&L e se isso pode acontecer ao longo do ano? Obrigado.

ROTHE – O impacto imediato de queda de SELIC é positivo para a gente. Isso aumenta o nosso spread, como eu venho dizendo há algum tempo, a gente é neutro para SELIC, o que é mais importante para gente é o comportamento do spread. O spread comercial caiu no cartão de crédito, não caiu em outras linhas, se manteve em várias também, ou seja, o spread comercial tem um comportamento positivo aí. A SELIC, no curto prazo, como eu disse, é positiva pro Banco, ou seja, aumenta inclusive a nossa receita líquida da intermediação financeira.

FRIEDEMANN - Perfeito. Obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do senhor Thiago Batista, do Itaú BBA.



BATISTA – Bom dia a todos. Tenho duas perguntas. A primeira é quase um follow-up dessa resposta, parte de margem, a resposta para o Jorg. Você comentou do saldo médio, a situação do risco. Como você está vendo a demanda de crédito? Dá pra ver melhora, principalmente no varejo, você está vendo melhora mês a mês na originação e como você está vendo as tendências dessa originação em varejo? E a segunda é em relação ao NPL, se vocês poderiam falar um pouquinho mais do NPL, acho que menos focando em core equity, é mais claro o impacto, mas foco maior nos outros segmentos como PF, parte agrícola, o que vocês viram no 2S e o que imagina daqui pra frente?

ROTHER – Bom dia, Thiago, obrigado, pela pergunta. A questão do saldo médio é determinante no momento. O que a gente espera pro ano? A SELIC vai continuar caindo, tem potencial de a gente capturar spread ainda mesmo dentro de uma queda de SELIC, principalmente reprecificando empréstimos antigos que eu tenho com taxa baixa, mas se a carteira não render de acordo com o esperado isso traz impacto negativo pra margem financeira bruta. Dentro do que a gente já viu, mudando até para o que a gente já apresentou de resultado no 1T, eu te diria que o agro está dentro do esperado, nossa expectativa é ficar dentro do guidance sem dúvida nenhuma, o PF também está dentro do esperado. A gente esperava realmente um 1T mais fraco, e sazonalmente é mais fraco também, e a demanda tende a aumentar ao longo do ano pra PF, mas a gente já viu aumento de originação. Os desembolsos estão crescendo, tanto no consignado como no não-consignado, em relação por exemplo, ao 1T do ano passado. Então, isso já está acontecendo, a gente já está vendo, tem uma questão também de em algum momento isso vai passar, houve pagamento que a gente vê nas linhas, mas as perspectivas são positivas já nesse segmento. Na carteira de PJ, o desempenho foi abaixo do que a gente esperava para o 1T. Uma queda de 19,6 não era o que a gente tinha dentro das nossas expectativas. Dito isso, na parte da originação, estamos vendo estabilidade na PJ-MPE, que é o segmento que a gente quer crescer. O segmento de MPE está começando a estabilizar os desembolsos, ou seja, parando de cair o volume de desembolsos em relação aos períodos anteriores e a gente vê sinais positivos em algumas regiões do país já nesse 2T. A nossa expectativa é de crescimento no 2S. Então, de uma inversão de movimento mais para o 2S, mais alinhado com as expectativas da economia, a gente vê também o 2S melhor do que o 1S. Vai ser bastante correlacionado com o desempenho da economia. A gente viu que a economia tende a ter se estabilizado no 1S, até há indicações de algum crescimento, mas isso ainda não se traduziu em aumento de demanda. Para carteira de grandes empresas, como a gente tem afirmado, nossa tendência é atender aos clientes direcionando esse



atendimento diferente para o mercado de capitais. A tendência natural é que nossa carteira de grandes empresas se estabilize mas não cresça. Dito isso tudo, se vier um crescimento acima do que a gente espera na carteira de PJ no 2S, a gente pode ficar mais para o meio do guidance. Mas agora a gente está olhando pra PJ no ano todo mais próximo para o piso do guidance.

BATISTA – Perfeito. Eu queria elogiar vocês, agradecer a vontade de divulgar o capital principal fully loaded, acho que ajudou bastante. Parabéns por começar a mostrar esses números.

ROTHE – Desculpe, você perguntou também sobre inadimplência em agro e eu esqueci.

BATISTA – Isso, agro e PF.

ROTHE – O agro é bem sazonal, tem a ver com impactos climáticos de alguns produtos, café e pecuária, pecuária de carne e de leite, não tem nada a ver com Carne Fraca. Pecuária tem mais a ver com pasto, que foi afetado por seca. Isso é algo que é temporário, da mesma forma que no ano passado a gente teve impacto em outros produtos e eles foram endereçados e a inadimplência caiu ao longo do ano, a gente espera que a inadimplência do agro volte para seus padrões abaixo, para perto de 1,0%, pra baixo de 1,0% ao longo do ano, como tem se mantido ao longo do tempo. Então foi muito específico café e pecuária. A inadimplência PF a gente tende a ver esse crescimento de inadimplência natural pela mudança de mix. Se você olhar o que a gente tem, a participação do mix da nossa carteira, tem 2 impactos interessantes. A queda da carteira adquirida, ou seja, eu estou adquirindo menos do ponto de vista do consumo de capital é melhor fazer orgânico, mas o orgânico tem uma diferença maior do que a carteira adquirida, então houve uma queda grande de participação da carteira adquirida no total do nosso portfólio. Então isso muda o mix. O outro lado, até por conta da crise, a gente tem um aumento de participação do crédito renegociado no total do nosso portfólio. E era menos de 2,0% um tempo atrás e hoje já está em mais de 4,0%. Então, a composição da carteira tende a aumentar a inadimplência da PF por conta do onde eu estou investindo mais, onde eu estou crescendo mais. A tendência até é continuar subindo enquanto eu não crescer por exemplo, mais no crédito consignado. A gente espera que o crédito consignado perca mais esse ano e pode começar a virar efeitos positivos no mix. A gente não espera ter muitas compras de carteira nesse ano, até porque as fontes de carteira por exemplo, crédito consignado, hoje vários que vendiam hoje fazem parte de outros grupos econômicos e não estão mais vendendo. No veículo, a gente



continua comprando do Votorantim, que é nossa empresa ligada ao Banco do Brasil e a gente pode ainda comprar alguma coisa na parte de veículo ao longo do ano, vinculada à nossa estratégia junto ao Banco Votorantim. Mas o mix, não vai voltar ao mix que a gente teve no passado. Então, essa mudança de mix muda o patamar de inadimplência dessa PF como um todo.

BATISTA – Perfeito. Obrigado, Bernardo.

OPERADORA – Lembrando que para fazer perguntas basta digitar *1. Solicitamos aos participantes que façam apenas um questionamento em cada rodada de pergunta.

Nossa próxima pergunta vem do Sr. Gustavo Schrodén, do Bank of America.

SCHRODEN - Bom dia pessoal, obrigado pela oportunidade. Eu queria fazer uma pergunta relacionada à fee e despesas administrativas, principalmente relacionada ao guidance. São duas linhas que tem vindo melhor do que vocês tinham colocado, e principalmente em despesas administrativas acho que vocês só começaram a capturar os efeitos da administrativa de redução de custos anunciado no final do ano passado. Vocês estão pensando, existe aí a possibilidade de a gente ver uma redução ou melhora no guidance dessas duas linhas, principalmente em despesa administrativa ou enfim, se sim, o que vocês estão esperando, o que precisa acontecer para fazer acontecer a redução do guidance ou por que vocês não esperam a redução do guidance dessas duas linhas e, de novo, principalmente em despesas administrativas, dado que [34:38] da carteira dessas iniciativas que vocês fizeram. Obrigado.

ROTHER – Bom dia, Gustavo, obrigado pela pergunta. Começando pela receita de tarifas, o desempenho foi bom, muito bom, acima do guidance mas também tem um efeito comparação. O 1T2016 não foi um trimestre forte. O 2T já foi forte, o 4T também forte, vamos dizer que o 3T com a parte do que a gente esperava no ano passado. Então, ao longo do ano você vai ver esse crescimento cair em relação ao 2T do ano passado, depois vai subir, porque a gente espera um 3T bem melhor do que o ano passado e depois cair um pouquinho também porque o 4T do ano passado foi muito bom. Ao longo do ano, até por conta do efeito comparação, a gente vai migrar para dentro do guidance. A gente não está vendo, não está projetando nada fora do guidance. Então, nosso guidance de tarifas está bem adequado. Com relação à despesa administrativa, existem efeitos sazonais também no 1T. Então, para efeito do guidance ao longo do ano, a gente tem um benefício maior agora,



porque as questões também de provisão com despesas de pessoal por conta de um maior número de pessoas em férias no 1T, então tem algumas despesas que tem efeito sazonal, por exemplo a despesa de marketing a gente espera que cresça em relação ao ano passado mas no 1T caiu. Então, tem algumas coisas que vão acontecer ao longo do ano. Hoje, olhando a nossa projeção, a gente estaria mais para o meio do guidance mas com tendência de queda em relação às projeções, dependendo da execução de várias ações que a gente tem pra executar ao longo do ano, a gente pode ao longo do ano migrar do meio do guidance da nossa projeção pra o piso do guidance. Não temos como falar em revisão de guidance ainda mas a intenção clara do Banco é conter custos, é reduzir o nível de despesas do Banco, vocês ouviram isso do nosso CEO, do novo presidente do Banco, ele falou isso em alto e bom som, ele gostaria de ter um guidance melhor do que esse, e a gente tem que trabalhar para poder fazer isso acontecer. Então, nesse momento não é possível falar em revisão de guidance mas posso garantir que o Banco inteiro está direcionado a ter uma estrutura de custo menor.

SCHRODEN – Tá, obrigado. Só um follow-up principalmente na questão de despesa administrativa. Acho que você colocou os pontos do porque vocês acham que devem migrar para o meio do guidance, mas se vocês pudessem então colocar pra gente em que nível, se a gente já está adiantado, se o banco está adiantado ou não, nos efeitos positivos das iniciativas de corte de custo. Eu estou insistindo nisso porque no nosso entendimento é como vocês falaram das iniciativas no final do ano passado então elas estariam ainda no começo, então, no meu entendimento deveria melhorar ao longo do ano e talvez até você já está falando em low-end do guidance com a possibilidade de revisar pra baixo. Então, se você pudesse só de repente quantificar para gente em que ponto que está essas iniciativas, se estão adiantadas, atrasadas, se foram antecipadas agora no 1T, acho que ia ajudar a gente a entender esse guidance. Obrigado.

ROTHE - O que eu estou falando é que a gente tem nove iniciativas que podem trazer a nossa expectativa de performance do ano para o piso do guidance. São 9 iniciativas, já anunciadas elas tem alguns impactos que ocorrem ao longo do ano como eu disse mas também tem alguns gastos que ainda não ocorreram, por exemplo, R\$ 77,0 milhões de custo com fechamento de agências, com todo esse processo de realocação de pessoas etc, não é um número muito alto. Então a gente ainda tem mais custo relacionado à organização para acontecer no 2T. Então, considerando o que a gente anunciou, puramente isso, a nossa projeção seria mais para o meio do guidance. Você tem que lembrar também que em



setembro meu custo por pessoa vai aumentar a inflação +1%. Como o principal item de despesa nosso é pessoas, então é um impacto grande no total da despesa do ano. Vai impactar 4 meses do ano mas na comparação anual eu também tenho os 8 primeiros meses do ano que foram compensados, no fundo a gente compensou a quantidade de pessoas no aumento de mais de 8,0% que a gente teve no custo de pessoas nos 8 primeiros meses desse ano. Então, dito isso, as novas iniciativas é que podem nos trazer para o piso do guidance. Isso tem uma questão de execução e a gente vai continuar trabalhando para reduzir. Se no 2T a gente tiver coisas aí efetivadas eu posso até dar uma visão melhor para o resto do ano, mas eu dependo ainda de algumas coisas pra acontecerem pra ter certeza que a gente vai migrar pro piso do guidance. Por enquanto eu não posso afirmar isso.

SCHRODEN – Tá ótimo. Obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Domingos Falavina do JP Morgan.

FALAVINA - Obrigado também pela oportunidade. Minha pergunta é com relação à parte de despesas com provisão. Foi super claro, vocês fizeram uma apresentação bem detalhada com relação ao new NPL formation e a gente nota que ele foi em torno de R\$ 9,0 bi e aí teve aquele caso específico que teria trazido no final das contas, olhando nas coberturas que vocês forneceram, em torno de R\$ 7,0 bi. Você olha a provisão do trimestre e ainda assim elas cresceram um pouquinho abaixo a despesa de provisão em relação aos novos créditos em atraso. A minha pergunta: se a gente anualizasse esses que fossem R\$ 7,0 bi de piora de crédito, de novos créditos em atraso, daria R\$ 28,0 bi, o que está muito acima do guidance. Então, eu só queria entender um pouco de vocês mesmo fazendo o ajuste desse caso one-off vocês estão mantendo um guidance de provisão bem aquém do que piorou esse trimestre. Que linha vocês esperam que melhore tanto nos próximos trimestres para dar confiança para vocês no guidance?

ROTHER – Bom dia Domingos. Só para lembrar, no 4T a gente implementou a provisão complementar. O que isso significou? se você olhar o nível de cobertura que a gente fez no 4T foi bem melhor do que esse. De alguma forma, quando você faz o complementar, eu deixo de ter um cliente simplesmente, por exemplo, risco B e passo a ter D, intermediário para o C, o movimento de vir pra C passa a ser mais suave. Então, a gente tem uma suavização no fluxo de provisão e isso teve um aumento de provisão de mais de R\$ 1,5 bi. No trimestre passado a gente até fez um pouco mais nesse trimestre, R\$ 150,0 milhões, aumentamos a complementar. Mas isso, de alguma forma, tem um efeito antecipação que



suaviza os movimentos de agora em diante. Então, a gente continua aplicando a nossa política e não estamos deixando de fazer a provisão que precisa ser feita. Nível de cobertura é resultante, né? E se precisar fazer mais porque o risco da carteira indica que precisa, a gente vai fazer e tem espaço para o nosso guidance pra fazer isso. Eu continuo indicando para vocês que a nossa expectativa é que a provisão tende a cair gradualmente ao longo do ano. Então não esperamos níveis mais altos de provisão do que a gente teve aqui. É claro que podem haver situações que estão um pouco fora das nossas projeções, o que podem alterar isso que eu estou falando. Existem incertezas sem dúvida nenhuma. Mas a nossa expectativa é que a provisão se reduza gradualmente ao longo do ano e não que ela cresça ao longo do ano.

FALAVINA – Entendi. Mas nenhum setor em específico, ou melhor distribuído entre os setores? E o uso de adicional?

ROTHE – Olha, a gente não tem essa não. A gente tem a complementar. E a complementar eu não posso nem usar. Eu só uso naquele cliente. Se tiver um cliente que piora, essa complementar não migra para ele, tá? O ponto é o seguinte: qual é a carteira que gerou mais provisão para o BB ao longo desse tempo todo? Se você olhar o nível histórico aí é a carteira de PJ. É nessa carteira que a gente vê uma melhoria ao longo do tempo até por conta de uma melhoria boa parte dos problemas da carteira de MPE já estão lá, já estão endereçados e de agora em diante a tendência, até com a recuperação da economia, é que esse volume de provisão na carteira caia. Então, a MPE, estabilizando, como a gente espera que estabilize no trimestre, a inadimplência ainda pode subir, tá? Mas o NPL formation da PJ estabilizando, tirando o caso específico, que vai cair no 2T simplesmente porque não vai ter um outro caso específico. Mas se você normalizar e tirar o caso específico o NPL formation deve estabilizar e depois a gente no 2T até o índice de inadimplência tende a estabilizar também. Então isso tem impactos positivos na formação de provisão para o BB. É isso que a gente espera que gradualmente melhorando o 4T tende a ser o melhor trimestre do ano.

FALAVINA - Está certo. Obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Lucas Lopes, do Credit Suisse.

LOPES - Bom dia Bernardo, obrigado pela pergunta. A minha pergunta é bastante simples. A gente viu na parte de receita de tarifas, o grande impacto foi a parte de



administração de fundos que vinha crescendo 9-10,0% todo o trimestre no ano passado e que passou para quase 30. Vocês atribuíram essa melhora ao crescimento dos ativos sob gestão de vocês ou seja, algo fortemente estrutural. Eu queria entender o que está por trás disso, se pode ser um pouco do impacto do FGTS, ou se é devido a mudança de prioridades do Banco aí no novo sinergia. Se puderem dar um pouco mais de detalhes sobre a boa performance dessa linha ajudaria bastante. Obrigado.

ROTHER – Bom dia, Lucas, obrigado pela pergunta. Olha, é natural, a nossa capacidade de levantar recursos no mercado não se abateu, ela continua alta. Durante o ano passado a gente vinha mostrando que apesar de eu crescer, eu cresci ainda a administração de fundos, crescia captações líquidas da previdência. Ou seja, nossa capacidade de pegar recursos do mercado continua a mesma. A minha necessidade de captar recursos para o negócio bancário diminuiu. É natural que haja uma migração para administração de recursos de terceiros. Esse crescimento se deu no varejo – ainda não dá para falar que tem fundo de garantia impactando isso, é muito cedo pra falar isso, mas principalmente fundos de renda fixa que cresceram bastante e o varejo, e alguma coisa de governo que é um efeito sazonal natural que a gente tem no início do ano com queda depois no final do ano. Mas a comparação do ano a ano dá para notar um crescimento bem grande refletindo um pouco esse efeito sazonalidade. Mas é principalmente isso: eu tenho menos competição interna por recursos por atividade da nossa BB DTVM. Então, a migração é natural.

LOPES – Obrigado, ficou claro.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Alain Nicolau, do Bradesco.

NICOLAU – Bom dia. Obrigado pela pergunta. Eu queria só falar um pouquinho de inadimplência em 90. Eu queria entender esse aumento aí e saber se teve algum caso específico alguma coisa que deve transitar para o 90. Obrigado.

ROTHER – No 15-90 a gente teve situações que passaram de 15 dias só por demora na solução, mas a solução estava bem endereçada, na verdade em abril já saiu, então boa parte desse 15-90 já está solucionado, tá?

NICOLAU – Obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Felipe Salomão, do Morgan Stanley.



SALOMÃO - Senhores, bom dia, obrigado pela pergunta. É uma pergunta sobre asset quality. Follow up das perguntas anteriores. O índice de cobertura do BB over 90 ele atingiu 147,0% nesse trimestre, é o número mais baixo dos últimos muitos anos, dos últimos 12 anos. Nesse momento de transição onde a inadimplência continua deteriorando, mas a gente já tem uma luz no fim do túnel para uma melhora, qual é o nível de cobertura mínimo que o Banco pode vir a ter ao longo do ano? Tem um número que vocês possam indicar para gente? Ainda pode cair mais ou esse patamar atual é o mais baixo que a gente vai ver? E uma pergunta em cima desse tema também, no longo prazo ainda faz sentido pensar que o BB vai ter um índice de cobertura mais alto do que o resto dos principais bancos brasileiros como sempre foi o caso ao longo da história do Banco? É a minha segunda pergunta. Obrigado.

ROTHER - Obrigado Felipe, bom dia. Sobre como vai ser na frente é muito difícil dizer. Eu tenho que adivinhar o que os outros bancos vão fazer na gestão da carteira deles. Vamos dizer que a cobertura dos outros bancos, se eles continuarem migrando para linhas de menores riscos como a gente já teve no passado, a tendência é que a inadimplência como total da carteira caia e a provisão pode até, o índice de cobertura, pode até subir. Fica mais parecido com o que a gente tinha historicamente. Então, é muito difícil dizer. O que eu posso te dizer, e que responde até a primeira pergunta, a gente faz a cobertura que a nossa política de crédito manda e que tem que estar de acordo com a 2682 do Banco Central. Não pode fazer nada que não esteja de acordo. Índice de cobertura é resultado da aplicação, não é meta, a gente não tem meta de aumentar índice de cobertura. A gente trabalha para conter a inadimplência. Nosso foco é a inadimplência. A provisão, o comportamento da provisão e cobertura é resultado do nosso trabalho para atacar a inadimplência e controle de inadimplência. E de novo, o que a gente precisa fazer de provisão a gente faz de acordo com a regra, de acordo com a nossa política, que a nossa política requer mais provisão que a regra, por isso que a gente tem a inadimplência, a provisão complementar, desculpa. Dito isso, o que aconteceu nesse trimestre? A gente tem um caso específico que é grande, que é recuperação judicial. Mas é um caso de recuperação judicial que a gente vê solução, diferente de um outro que a gente não via solução, que ele correu rapidamente pra gente pagar e depois foi baixado. Então, esse caso agora a gente vê solução, tudo indica que haverá uma solução que essa exposição tende a migrar a inadimplência para dentro da carteira renegociada. Então, em algum trimestre aí para frente, difícil prever quando, algum trimestre aí para frente a gente vai ter um pulo na carteira renegociada por causa de um caso. Isso não é comportamento de portfólio, é um caso. Se você tirar esse caso da



cobertura ela andou para o lado. Ela não caiu. E porque eu não faço mais provisão? Porque não tem expectativa nenhuma de ter perda de principal nessa transação. Não faz sentido eu aumentar provisão para um negócio que eu vou negociar sem perda de principal. Senão eu vou ter de carregar uma cobertura altíssima num crédito que no dia seguinte ficou muito melhor do que eu já tinha antes. Se é que tudo acontecer da forma como está caminhando, seja no pior cenário para o credor, seja no melhor cenário para os credores. Então, com base nessa informação é que a gente trabalha qual o índice de cobertura, qual é o nível de provisão adequado para o crédito. A gente consegue fazer isso em grandes casos? A gente não faz isso em pequenos casos porque estatisticamente não vale a pena e por isso a gente fica nos casos que a gente tende a correr para o risco H rapidamente. Então, a cobertura que a gente tem hoje está adequada para a carteira e o portfólio que eu tenho. Esse nível de cobertura que eu tenho hoje não é indicativo se eu vou fazer menos ou mais provisão no futuro. Se eu tiver aqui 200,0% de cobertura para hoje e tiver que fazer mais provisão eu iria fazer. Porque a aplicação da política e da regra indicam o que eu tenho que fazer de provisão. Não é o índice de cobertura, OK?

SALOMÃO – OK. Obrigado pela resposta.

OPERADORA - Nossa próxima pergunta vem do Sr. Carlos Macedo, do Goldman Sachs.

MACEDO – Olá, bom dia, Bernardo e pessoal. Um par de perguntas aqui sobre, voltando, desculpa, a insistir sobre inadimplência. A gente viu, eu sei que a gente já comentou um pouco sobre a inadimplência do PF que aumentou nesse trimestre foi um comportamento contrário ao que se viu nos outros bancos privados, Itaú, Bradesco e Santander, eu estava dando uma olhada aqui, também teve uma aceleração na quantidade de crédito de inadimplentes, que indica que não é só um efeito de base, é um efeito de numerador. Eu queria que vocês comentassem um pouco. Olhando aquele gráfico de safras que vocês apresentam, também mostram lá que as safras de 2015-16 é uma das piores safras de todos os tempos, pelo menos dos últimos vários anos que vocês apresentam ali. A que ponto que a inad está de virar? Será que vira nesse próximo trimestre? Será que começa a desacelerar? A gente consegue ver uma mudança tal qual teve nos pares? O que a gente pode esperar. E a pergunta que eu faço no MPE. Vocês não destacam isso igual ao que os outros destacam, em termos de qualidade de inadimplência. A gente já viu no Bradesco e Itaú uma melhora na inadimplência do PME. Eu sei que como caiu muito o crédito nesse trimestre, talvez, mas tenha tido um efeito de base mas já começou a



melhorar na MPE? Se não melhorou, será que melhora a partir do 2T? Quando é que vira esse processo e a gente começa a ver a inadimplência melhorando para o banco?

ROTHE – Obrigado, Macedo, pela pergunta. Começando pela PJ, se você olhar a formação da inadimplência sem o caso específico ela já caiu. A gente já está vendo estabilidade na formação da inadimplência na PJ. Como o maior impacto, nessa inadimplência, é a MPE, também vem deles o maior impacto na estabilidade. Então, eu diria, fazendo isso acontecer na MPE. O efeito mix na PF não é pequeno, até por conta de 16, isso também explica a performance de 16. Como eu tenho, enfim, relativamente, menos consignado na conta e tenho mais outras linhas, que têm inadimplência maior, isso afeta o perfil daquele gráfico de safra. Então, o micro explica a taxa de 2016; eu tive zero de crescimento no consignado e cresci em outras linhas. Certo? Então, esse mix afeta o gráfico. Isso explica bastante a inadimplência do gráfico. A falta de adquirida, por exemplo, explica parte da inadimplência do consignado ter aumentado. Então, o consignado, se olhar linha a linha, ele aumentou 10 bps em um ano. Parte disso, boa parte disso, é menos carteira adquirida. Então, a inadimplência - só para usar, eu tenho um número, assim, uma linha bem arriscada, que é o cartão de crédito -, eu tive queda. Como que eu tive queda em cartão de crédito se o meu portfólio, vamos dizer, em geral, de PF, estivesse muito pior? Ele deveria ter aumentado. E não tem efeito, ainda, das novas leis do cartão de crédito porque isso não começou a atingir o 1T. O único ponto que a gente tem, assim, um impacto maior de inadimplência, que tem a ver, também, com o mix dentro do produto, é o financiamento imobiliário. Que é natural, primeiro o imobiliário imaturo ainda é novo o portfólio, não dá pra dizer que a gente tem um portfólio maduro. Então, esse aumento de inadimplência, por conta da maturação do portfólio, ela acontece. E, dentro do portfólio, a gente tem uma parte dela que é o Minha Casa Minha Vida, que tem uma inadimplência maior, que ela tem ganho participação dentro do portfólio como um todo de financiamento imobiliário. Então, essa diferença de mix, no portfólio, de financiamento imobiliário também afeta a inadimplência da carteira como um todo. Que é a carteira que mais cresce, por sinal. Então, eu tô crescendo mais em linhas de maior risco, de alguma forma, no último ano. E essa tendência tende a mudar, agora, porque o nosso foco é o consignado - deve crescer mais esse ano do que as outras linhas. Certo? Essa é a nossa expectativa, pelo menos no que a gente tá vendo em termos de desembolso, o crescimento do consignado é maior do que o crescimento do não-consignado. Então, a nossa expectativa é que o mix comece a normalizar e ao longo do tempo, a gente volte a ter um perfil mais alinhado com o que eu tinha no passado. Até uma curiosidade, que tem gente que acha que financiamento de automóvel é uma linha de alto



risco; no Banco do Brasil não é. Você viu uma carteira caindo para 30,0% e a inadimplência 1,2%. Mas essa marca da inadimplência do automóvel também afeta o mix e eu estou tirando linhas de menor risco de dentro do meu mix no financiamento de automóvel, por exemplo. Então, a gente não vê como preocupação a carteira PF. A comparação com os outros bancos não é muito justa? porque eles têm a posição inversa da nossa: eles têm concentração em linhas de maior risco - e tão migrando pra linhas de menor risco. A tendência natural deles é a inadimplência cair - e cair estruturalmente porque estão investindo mais em linhas de menor risco. Aí parece: estão recuperando mais. Mas, qual é a participação das linhas de menor risco no total do portfólio? Está diminuindo, desculpe, está aumentando. Então, é natural que eles mostrem uma tendência de queda enquanto a gente mostra uma tendência de alta. Estamos em posições diferentes. Eu tô numa posição em que eu sempre tive menor risco e tá aumentando um pouco a participação das de maior risco, por contas mercadológicas. E os outros tão aumentando as linhas de menor e diminuindo as de maior risco. Então, o efeito mix, lá, indica positivamente para eles e parece que a gente tá na contramão. Mas não é bem o caso. O mix explica 90,0% do que está acontecendo.

MACEDO – Perfeito. Mas, então, olhando para frente, vocês acham que, mesmo com essa mudança de mix, agora voltando para o consignado, a gente deve ter uma inflexão nessa, talvez não na inadimplência, mas, pelo menos na velocidade de crescimento do crédito de inadimplente, já no 2T? É possível isso?

ROTHER – Olha, a inadimplência vem com o delay. Então, isso é um impacto mais para o ano que vem do que para esse ano.

MACEDO – Tá bom. Perfeito. Obrigado.

OPERADORA - Nossa próxima pergunta vem do sr. Eduardo Nishio, do Brasil Plural.

NISHIO – Bom dia a todos. Obrigado pela oportunidade. Em relação ao cartão, vocês reduziram a taxa um pouco antes dos concorrentes. Eu queria saber se vocês podem dividir com a gente um pouco da cabeça desse novo produto, o parcelado do rotativo? Como vocês tão vendo a evolução desse novo produto e características do produto no BB e o que vocês esperam desse produto? E, também, se pudessem dividir com a gente se viram algum impacto positivo do FGTS na INAD PF? Obrigado. Ou esperam que isso aconteça? Obrigado.



ROTHER - Bom dia, Nishio. Obrigado pelas perguntas. O que a gente fez no cartão já foi se preparando para as mudanças que iam acontecer. Então, foi um posicionamento mercadológico. O que que a gente espera pra frente? Assim, vamos dizer, essa mudança do cartão tende a ser negativa pra margem do spread PF no curto prazo. Mas, a gente, como todo o mercado, espera que a mudança na forma de trabalhar o rotativo depois de 30 dias reduza a inadimplência do produto, reduza a necessidade de provisão e reduza as perdas que se tem com o cartão de crédito. Então, tem efeitos positivos a serem capturados a partir de agora, mais pro futuro, e isso pode até ter efeitos positivos no futuro pelo aumento de saldo porque o parcelado ficando mais tempo rendendo - e sem você ter uma baixa rápida, por exemplo, de exposições em cartão de crédito. Então, isso pode ter efeitos positivos de margem pra frente. Eu não vou garantir isso pra ninguém porque ninguém sabe com certeza o que vai acontecer porque não existe uma proxy boa, dentro do que a gente faz no Brasil, pra esse novo produto. Então, existem expectativas, teorias. A gente vai ver o resultado efetivo dessa mexida, provavelmente, daqui um ano a gente já começa a ter dados pra, olha, pra poder afirmar qual foi o resultado final disso em termos de, nos aspectos positivos esperados.

NISHIO - O parcelamento é automático em 12 meses, 24 meses? Como é que funciona?

ROTHER - O do Banco vai até 24 meses.

NISHIO - Tá. E em relação Ao FGTS?

ROTHER - OK, desculpa. O FGTS a gente vê...olha só, olhando os beneficiários do FGTS a nossa visão é a seguinte: quem recebe acima de um certo nível de salário, eles podem pagar algumas dívidas, mas a tendência, isso, é migrar, até, pro investimento. Pra liquidez de banco, investimento, pro mercado todo. Os que têm um salário mais baixo, eles, normalmente, eles não têm crédito em banco. Mas, eles têm dívidas na praça, com empresas, com comerciantes. A gente vê o efeito positivo do FGTS até vindo mais via carteira de MPE do que na carteira de PF.

NISHIO - Perfeito. Muito obrigado.

OPERADORA - Encerramos, neste momento, a sessão de perguntas e respostas.

Gostaria de passar palavra ao sr. Bernardo Rother para as suas considerações finais. Por favor sr. Bernardo, queira prosseguir.



BERNARDO ROTHE - Só para agradecer a participação de todos e colocar a equipe de Relação com Investidores do Banco do Brasil à disposição de vocês, caso vocês tenham alguma dúvida remanescente e queiram explorar alguma das respostas que demos aqui em mais detalhe num segundo momento. Muito obrigado novamente e bom dia para todos.

OPERADORA – A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nessa teleconferência está disponível no portal de relações com investidores na Internet. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.